



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

DIRECTOR E EDITOR:  
**Padre Américo**  
 Redacção, Administração e Propriedade:  
 Casa do Galvão do Porto—Paço da Sousa  
 Vales do Correio para Cete  
 Composição e Impressão—Tip. da Casa  
 Nun' Alvaros R. Santa Catarina, 828-Porto  
 Preço 1000

## CASA DE LAVOURA

## NOTA DA QUINZENA

**A** GORA que temos as instalações da nossa aldeia prestes a terminar, importa vêr de como havemos de tirar da quinta um maior rendimento e do gado, mais proveito. Não se diga que temos andado devagar ou começado pelo fim. Não temos não senhor. A primeira, responde-se que em Maio de 1943, no local aonde hoje se levantam onze edifícios, eram silvas e codeços. A segunda, que só depois de instalar duzentos rapazes, é que vamos tratar do gado. Acho que temos dado a cada coisa o seu lugar.

Como se tem dito aqui muitas vezes em *Isto é a Casa do Gaiato*, nós temos gado. Temos muito gado; êle bois, êle vacas, êle ovelhas, êle um carneiro, êle com sua licença muitos porcos.

As instalações são o que há de mais primitivo, e quanto a aproveitar estrumes, o que há de mais rotineiro. Ora nós pretendemos arejar. Arejar os gados. Arejar as ideias. Ameigar a terra. Dar-lhe para que ela nos dê. Aqui, como na ordem moral, quem não semeia não colhe. Mas há mais. Não se trata só do rendimento da quinta; trata-se, sobretudo, de ensinar estes nossos rapazes. Temos alguns que são verdadeiras vocações para os trabalhos agrícolas. *Eu cá quero ser lavrador*, ouve-se de quando em vez, e eu fico muito contente quando os oiço assim falar. O exodo pra cidade é miragem. Muito mais salutar é o trabalho rural.

Levado por êste pensamento, fui há dias por aí abaixo até à capital. Indaguei, e soube que na rua X, o senhor X, dar-me-ia todas as informações a êste respeito, e assim aconteceu. Os meus passos não foram perdidos. Na verdade, dois senhores amigos da Obra, estiveram aqui a fornecer impressos e a dizer de como eu me havia de dirigir ao Grémio da Lavoura, fazer a hipoteca e levantar um emprestimo, tudo como vem no decreto numero tantos de tal. Sim. Muito grato aos senhores engenheiros que tão depressa me atenderam. E' tudo quanto eles podiam fazer e de muito boa vontade o fizeram. A lei é geral. E' para todos quantos teem vantagem nela. Não prevê casos particulares, mas o meu é um caso particular. Por isso, guardei os impressos até me ser possível, por outras vias mais planas, conseguir o que desejo. Eu não poderia nunca hipotecar a ninguém uma coisa que me não pertence. Muito menos ao Estado que é, em ultima análise, o dono desta quinta.

Encontro-me pois em vespuras de nova ida a Lisboa, a vêr se bêbo noutra fonte. Fonte limpa. Nem impressos, nem hipotecas, nem nada. Uma casa agricola e tudo quanto lhe pertence. Ora eis.

Vou pedir ao Senhor Ministro da Economia que venha vêr ou mande vêr e acabou.

Os nossos rapazes já descobriram a minha vida. Sabem os meus segredos. Há dias, estava eu muito triste no meu quarto de trabalhar. Amadeu Elvas chega do Porto, senta-se numa cadeira, olha para mim e quer saber o que é que eu tenho.

—Diga já. Que é que tem?

Mudei de conversa para me não trair, mas o semblante, êsse continuava na mesma. O rapaz decide:

—Já sei. E' dinheiro. Não tem dinheiro. Vá ós ministros! E eu assim tenho feito.

Vou ós ministros.

A nossa obra de assistencia, é uma coisa nova. Não tem par, por enquanto. Nós estamos estabelecidos e verdadeiramente somos uma familia para os sem familia. Compreendemos e aceitamos o que o povo ensina: *Filhos creados, trabalhos dobrados*. Queremos esses trabalhos. Eles são parte necessária e integrante da *Obra da Rua*.

Sabe-se que é muito mais facil mandar embora aos tantos de idade. Mais facil e mais cómodo. De resto, é consoante a letra do decreto ou do estatuto. Vem lá assim. Está na massa do sangue de todos os portugueses êste conceito desatradado de assistencia. *Em que idade os manda embora?* Esta é a pergunta de todos quantos nos visitam! E' um dogma. Dá pena! Todo o pai de familia que não aceita os trabalhos dobrados dos filhos creados, não compreende a sua missão. E' um traidor. E daqui nasce que a gente não manda ninguem embora. Transferimos. Procedemos a uma transferencia de lar para lar.

Dentro de três anos, havemos de nos encontrar com algumas dezenas de rapazes na casa dos 19 e 20, muitos dos quais, trabalhadores do campo. A casa de lavoura impõe-se como um complemento necessário. Uma escola normal. Citamos os olhares de quem governa a nossa Patria. Esta quinta é pequena para tantos. Tantos que já cá estão. Muitos mais que hão-de vir.

Baldios. Baldios em qualquer parte do Império.

Parece que vem a dizer na história que o rei de Portugal não quiz utilizar os serviços de Fernão de Magalhães, nas descobertas do mundo. Aqui é mais importante. Não se trata de descobrir terras, mas sim de valorisar homens. Homens perdidos. Citamos os olhares de quem governa.

**Este numero do Gaiato foi Visado pela Censura**

**E** U estava à espera do 20, na Praça, mesmo em frente da Ateneia. Estava ali um mar de gente. Alguns rapazes dos jornais ajudavam um pequeno marçano a levantar do chão um saco que devia pesar cincoenta quilos. Era café em grão. O pequeno tomou-o às costas e lá foi a titubear por entre a multidão. Nisto, um senhor bem posto e bem parecido, dirige-se aonde eu estava: *Veja como tratam aqui no Porto as creanças*. E antes que eu dissesse nada, continua êle a dizer: *Há dias, era um mais pequeno, com uma barra de ferro às costas, a tremer e a gemer*.

Eu já tinha visto que o peso do saco era desmarcado. Os meus olhos acompanharam a creança rua além, até a perder de vista. Tinha visto, sim, mas que fazer? Não tenho titulo. Se tivesse levantado a mão a favor do mal tratado, seria concitar e eu não posso fazê-lo. Antes quero sofrer em silencio. Eu acredito no silencio. Gosto do silencio. As grandes transformações, tanto no reino da natureza como no reino das almas, são feitas de silencio. Pôsto isto, vamos fazer um bocado de doutrina:

A tendencia para abusar do mais fraco, é um acto do homem. E' uma das suas deploraveis fraquezas. Elas são tantas! Que o digam os afeitos a olhar para dentro de si mesmos! Esta tendencia, porém, chega a ser muito perigosa, aonde e quando falta o espirito cristão. O cristianismo é a unica força suave que se levanta no mundo, contra toda e qualquer modalidade de escravatura. Se o amo daquele Menor fosse um verdadeiro cristão, via nele, necessariamente, um seu

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

## VISITANTES

**S** IM senhor. Sim Senhor. Mas quem é que lhes ensina o caminho?! Mas quem é que lhes dá o recado?! Temos de

aumentar o corpo de cicerones! O Colégio Castilho, de S. João da Madeira, veio numa camionete tamanha, que nem pôde transpor a ponte sobre o Sousa, actualmente em obras. Trouxeram um mundo de coisas, que os proprios alunos andaram a pedir, nas lojas de comercio. Não faltou nada, da agulha à ancora. Descrever,—só em suplemento. Vinha, também, muita roupa usada, dos proprios estudantes do colégio. Quizeram jogar conôco, e deixaram ficar a bola! Que mais dizer? Deixaram ficar, ainda, um envelope com um rôr de dinheiro dentro, mendigado! Que os nossos se apurmem.

Que mereçam. Que retribuam. Estiveram também no mesmo dia, outros colégios e grupos de alunos dos liceus do Porto e mais e mais e mais. Esteve um automovel de Lisboa, com o Professor José Alberto dos Reis seu irmão Doutor Alfredo e Esposa deste, Maria Salema. Esteve um snr. que nos veio comunicar a morte de sua Mulher.

Continua na página 2



Eguais com eguais, não há menos nem há mais. Ei-os aqui. A fotografia é da Casa de Miranda, aonde temos um pequenino rebanho. Em Paço de Sousa, por ser casa maior, também o rebanho o é. Sem ovelhas é que não podemos passar.

# ASSINATURAS PAGAS

## Notícias da

# Casa DE Miranda

por José Pinho de Carvalho

Em vez de ralhar os senhores como o Cete queria que se fizesse, tomaram-se outras medidas. Ralhar não. E' feio. Mas perder a gente o dinheiro, também não. Também é feio e não tem graça nenhuma. Então quê? Fizemos assim. Foi-se a uma tipografia e encomendou-se uma data de circulares muito bem feitas em papel verde,—esperança! Entretanto, Avelino seguia de cá para o Lar do Porto, de onde é feita a expedição do *Famoso*. As circulares já ali se encontravam. A lista dos atrazadinhos também.

Ele vai examinando, à maneira que endereça. Aonde o atrazado ali a circular. Papel verde,—esperança... Não é nada a ralhar. Não senhor. São palavrinhas mansas, delicadas, carpideiras. Fala-se lá em v. excia. acima, v. excia. abaixo, tudo urbanidade. O papel é verde! Eu cá prometi os nossos três administradores que isto ia dar faisca, com toda a certeza. Ora o Cete é muito positivo e disse-me que não. Que não senhor. *Enquanto os senhores não mandarem o dinheiro, não digo nada.* O rapaz parece que já tem calos e ainda não fez os quinze!

Maria Teresa Filomena Abrantes Saraiva, Lisboa, 25\$00; Maria Manuela A. Aguiar, Lisboa, 20\$; Maria Cristiano Louro Margenstern, Povoa de Santa Iria, 50\$; Menino António Emilio Carneiro Santa Rita, Lisboa, 20\$; Maria Fernanda de Faria Fernandes, Leiria, 25\$; Aselina Teixeira Marques, Porto, 20\$; Tomázia da Conceição Gonçalves Pereira, Lobão Vila da Feira, 10\$; Quitéria Moreira da Rocha, Recarei, 20\$; Manuel de Jesus Ferreira Porto, 30\$; Associação Industrial Portuense, Porto, 500\$; José Felício Lapão Cano, 25\$; Adelaide Vidalva de Magalhães, Casa Faia-Amarante, 100\$; Maria Helena de Barros, Lisboa, 50\$; Maria Isolina de Aguiar, Quinta de S. José-Agueda, 6\$; Cesária Marques de Figueiredo, Barrancos, 40\$; Dolores Ortega Perez, Barrancos, 50\$.

Francisco Camarada Martins, Porto, 20\$; António Rodrigues Costa Peixoto, Porto, 50\$; Jorge Lopes, 100\$; Diamantino Pereira dos Santos, Ermesinde, 30\$; Joaquim Martins, Porto, 50\$; Carlos Pereira, 30\$; Belmiro Teixeira da Rocha, Senhora da Hora, 50\$; Rogério Emilio Teixeira Barroca, Porto, 100\$; Francisco Manuel do Santiago Sotto-Mayor, Amarante, 50\$; Florinda Falcão, Porto, 50\$; Agostinho dos Santos, Gondomar, 25\$; Joaquim Eloy da Silva, Porto, 50\$; Maria Lino Pereira, Rio de Moinhos, 25\$; Lucinda Relvas Lisboa, 60\$; Fernando da Silva Coelho Pessa Possoa, Montemor-o-Velho, 20\$; Maria João Peuces Alarcão, Montemor-o-Velho 50\$; Dr. Guilhermino de Barros, Coimbra, 40\$; Maria Amélia Gonçalves da Silva Coimbra, 25\$; Padre Daniel Machado, Viana do Castelo, 25\$; Engenheiro Luis Vaz Pinto Porto 2 anos 100\$; Eurico César Eugénio, Porto, 50\$; Genialda Celeste Eugénia Porto, 30\$; Guilhermina Nabal, Caminha-Argeia, 20\$; Isabel Torres Caminha-Minho, 20\$; Maria Amélia da Conceição Barbosa, 25\$; Maria da Costa Cunha, 20\$; Maria Luisa Machado, 2 anos, 100\$; Maria Margarida Bravo, 60\$, todos do Porto.

Maria Outobrina Gonçalves de Carvalho. Bitarões-Paredes 100\$; Dr. Alexandre Cancellia de d'Abreu, Lisboa 50\$; Dr. João Paulo Cancellia d'Abreu, Lisboa 50\$; Deolinda Basto Soares, Porto, 50\$; Francisca da Cunha Sotto-Mayor, Quinta de S. Pedro Monção, 50\$; Anónimo, Porto, 100\$; Armadino Viegas dos Santos, Mação, 30\$; Maria Virgília de Bastos V. Peixoto, Viseu-2 anos, 100\$; Mar a Amélia Rodrigues Lisboa, 50\$; Vitor Manuel Seabra Pereira. Abrantes Rio de Moinhos 25\$; Zeferino Manuel Rodrigues H. Pereira, Abrantes Rio de Moinhos, 25\$; Luis Zeferino Marques dos Santos, Abrantes, 25\$; Maria Leonor de Carvalho de Santiago Leite Rebelo e Gama, Santo Ovídio-Cafés, 30\$; Manuel Ferreira Barbosa Júnior, Porto, 25\$; Dr. Arménio António Cardo, Coimbra, 2 anos, 50\$; José Maria d'Abreu, Lisboa, 20\$; 20\$; Pierre de Raymond Setúbal, 50\$; Guy de Raymond Setúbal, 50\$; Luis Perez Lapuente, Matosinhos, 50\$; Eduardo Ribeiro, Porto, 30\$; Armando Ruano, Mogadouro, 50\$; Gaspar Guimarães Menezes Quinta da Ponte da Veiga Alentem Douro, 50\$; Agostinho Figueira, Fundão, 3 anos, 300\$; Dr. Luis Ferreira Trindade, Barba, 50\$; João Luis Afonso, Gandra Rial Valença do Minho, 20\$. Menina Isabel Maria Janet, Lisboa, 2 anos, 50\$; Irmã Matilde da Conceição Monteiro, Lamego, 25\$; Eloy da Silva, Porto 50\$; Filomena A. Pereira Inácio, Santos-Brasil, 100\$; Leopoldo Almeida Saraiva, Lisboa, 5\$; Maria da Luz Galvão Afonso, Coimbra, 20\$. António Maria Coelho, Penamacor Pedrógão, 20\$; Professora Maria da Conceição Rosado Falcão, Lisboa, 50\$; Maria Alice Estalano Ribeiro, Monte Estoril, 50\$; José Rêgo Porto, 40\$; Menino Adelino Ferreira Barbeiro, Leiria, 20\$; Alberto dos Santos, O'bidos, 6 mezes 20\$; Luis Pacheco Viana, Matosinhos, 50\$. Padre Manuel Gonçalves, Salvador Ribeira de Pena, 40\$; Luisa Conceição Anastácio, Alcanena 2 anos, 65\$; Adriano Vieira Lima, Coimbra, 50\$; Francisco de Sousa Lisboa 100\$.

Irecne de Serpa Viana Lisboa (1 mês), 10\$. Viúva anónima de M. de S., Lisboa (2 anos), 40\$. Alcindo da Costa Alves, Sangalhos-Aneas, 20\$. Padre José Henriques da Eira Bastos, Rocas do Vouga-Lever do Vouga, 25\$. Adelaide Nunes, Vila Nova de Gaia, 50\$. Mario Borges Carvalho, Porto, 50\$. Maria Luisa Távora Pinto Rodrigues Viana do Castelo (2 anos), 10\$. Ernesto Moreira, Mortágua, 25\$. Inácio Verissimo Cabrita, Monchique-Marmeleite, 20\$. António Leal, Monchique Marmeleite, 30\$. José da Cunha Araújo, Mesão Frio 25\$. Maria Suzana Ferrer Machado Cantanbede, 50\$. Dr. Abel Andrade, 100\$. Dinis Salgado 25\$. Domingos Rodrigues da Bela, 50\$. Padre Francisco Castro, 50\$. João Rodrigues da Bela, 50\$. José Joaquim da Cruz Gomes, 25\$. Todos de Lisboa.

Dr. Sérgio da Silva Saverda, Melgaço, 20\$. Padre Fernando dos Santos Diogo, 20\$. António José dos Santos Amaral, 25\$. Arcio Saens de Menezes Cardoso, 20\$. Atalanta de Jedicibus Monteiro, 25\$. Cândido Ferreira, 20\$. Duarte Cipriano Feireira, 20\$. Elvira D. as Jerónimo 10\$. Felis António Mil-Homens, 20\$. Horácio Faria Pimentel Vieira, 20\$. João Augusto Pereira Bruno, 20\$. Joaquim Clemente, 20\$. José Faria Pimentel Vieira, 20\$. José Gomes, 25\$. Manuel Ferreira Costa, 20\$. Salvador Carvalho Santos, 20\$. Estela Carneiro Freire, 20\$. Francisco Guimarães (2 anos), 100\$. Todos do Bombarral. Rafael Baptista, Alvalázere Quinta do Gorgolão, 30\$. Dr. Manuel Nunes Fernandes, Lamego (2 anos), 10\$. Ricardo de Sousa Neves, Porto (2 anos), 100\$. Ofélia Rosa Ramos Torres Vedras, 20\$. Maria Teles, Vila Nova de Paiva, 25\$. Padre Silvéstre Dias Gouveia, Coimbra, 20\$. Menino Miguel Jorge Piguatelli Altay Queiroz, Castelo Branco, 20\$. Maria

Leonor Lopes Macêdo, Carcavelos, 25\$. Maria Isabel Soares Parente Lisboa, 25\$. José Maria Almeida, Resende, 20\$. Maria José Archer Tapada da Fonte Famalicão 3\$. Teotónio Ribeiro da Costa Porto 50\$. António Ferreira Fiandor. Vila Nova de Gaia, 25\$. Adriano Balta Nogueira Vila Nova do Ceira, 20\$. Manuel de Almeida Gomes Pereira Casal de Santo António-Ovar. 20\$. Engenheiro Arnaldo Augusto de Sousa Melo, Porto 4\$. José Correia da Silva Topa, Vila Nova de Gaia, 3\$. Delfim Mendes Andrade, Oliveira do Douro 50\$. Padre António Ramos Ferreira, S. Pedro do Rio Sêco 20\$. D. M. Elvira Monteiro Estoril, 260\$. D. Maria Almira Veiga Coimbra, 20\$. António Gonçalves Grifo Alijó, 20\$. Mario Monteiro Vaz, Pegarinhos, 20\$. António Menêzes Braga 50\$. Alb rto de Oliveira, Coimbra (1 semestre), 50\$. Maria do Céu Ferreira Valenté Coimbra, 4\$. Dulce Vieira de Sousa Alijó 20\$. Domingos Henriques da Silva Gaia, 20\$. Engenheiro Carlos José Galandra Bragança Ferreira Lisboa, 100\$. Maria José Trindade Reinas 20\$. Maria Antunes Bastos Martins, 20\$. Rosa Pinto Vaz, 20\$. Maria Alves Manzanera, 25\$. Deolinda Mendonça Viana, 30\$. Todos de Vilar Formoso.

Maria Galvão Amorim Farmaceutica, Vilar-Formoso 30\$. Maria Teresa Ramos Espinha Rodrigues, Vilar-Formoso 25\$. Maria José Vitorino Marques, Guarda, 25\$. Delfina Antunes Vasco Vilar Formoso Nave de Haver 20\$. Maria do Espírito Santo Pires Pinto Freinêda Gare, 20\$. Aurelina Gonçalves Alcântara Capelo Almeida, Malpartida, 25\$. Maria Emilia Teles Marques, Vilar Formoso-Castelo Bom 25\$. Tito Augusto Marques de Oliveira, Cavada Nova-Rio Tinto 50\$. César Baptista Ferreira, Gulpihares-Gaia (1 semestre), 20\$. Maria Canavaro de Almeida e Brito, Praia da Granja 25\$. Menino António Fernando Pinto dos Santos Holzer Porto, 25\$. Ernestina de Araújo Artoselt, Porto, (3 anos), 50\$. Madre Superiora das Doroteias Coimbra (3 anos) 100\$. Victor Albano, Lisboa, 20\$. Tomázia Macêdo Celorico de Basto 25\$. Major Rego Monteiro, Porto, 50\$. Noé G. Ramalho, Porto, 25\$. Maria Teza Henriques Simões Vila Nova de Poiares, 25\$. Maria Augusta Gomes Pereira Leitão, Alvarejos Muro 50\$. Engenheiro Luis Fernando Barreiros, Porto, 50\$. Aurora Amorim Coimbra, Castelo de Paiva, 25\$. Padre José Maria Nunes Pároco de S. Sebastião Setúbal, 40\$. António Tavares de Araújo e Castro, Oliveira do Bairro, 3\$. Elisa Alestia de Almeida, Alentejo-Mora, 100\$. Salomé Reis, Alcanena, 2\$. José Teixeira da Silva, Paredes, 25\$. Natália Bastos, Lisboa 20\$. José Pereira Pinto, Porto 20\$. José Vaz, Lisboa, 25\$. Vitorino Feliz Sanson Itália-Roma, 25\$. Clementina Moreira de Morais, Vila Nova de Gaia, 20\$. Augusta Paramos, Caldas da Rainha, 30\$. Júlia Paramos Montez, Lisboa 3\$. Padre Joaquim Alves Ferreira, Seminário de Vila Real 25\$. Padre José F. Gonçalves Fraga, Chaves, 2\$. M. Dinora Teles de Menezes, Sanatório da Guarda 2\$. Sofia Ribeiro, Sanatório da Guarda, 50\$. José Augusto Soares Montinho, Douro Alameda, 20\$. Judite Zacarias, Viana do Castelo, 20\$. Mariana Fassio, 50\$. Emilia Fassio de Aguiar, 50\$. Maria Julia da Silveira, 20\$. Jerónimo Jácome, Ursulinas-Viana do Castelo (2 anos), 10\$. Padre Frei Pio Ant-ro Ribeiro Gomes, Seminário Dominicano-Aldeia Nova, 20\$. João Simões Matias Aspirante de Finanças, Penela, 50\$. Dr. António Alves dos Santos Junior, Lisboa, 50\$. Célia Maria dos Santos Carvalho, Porto 20\$. Augusto Igrejas, Melgaço, 20\$. Alice da Silva Lopo, Lisboa, 50\$. Padre António Augusto da Cunha, S. Paio de Gouveia, 20\$. Dr. Alfredo Pacheco Saraiva Cabral e Amaral Coimbra, 50\$. Maria Cândida Quirino Saraiva, Figueiró da Serra, 50\$. Maria Fernanda de Oliveira Africa Oriental, 25\$. Francisco Moreira Vasconcelos, Santo Tirso, 2\$. António Beato Caldeira, Coimbra, 50\$. Leandro Carvalho Correia Lisboa, 25\$. Tenente Coronel de Engenharia Eduardo Pires, Lisboa, 40\$.

Professor Fernandes Pinheiro, 20\$. Bento Salgueiro, 20\$. Fernando Amaro, 20\$. Júlio Alves Ribeiro 20\$. Lindorfo da Costa Dinis, 20\$. Amilear Alves da Costa 20\$. Amilear Alves da Costa, 20\$. Henrique Ferreira dos Santos, 20\$. Jaime da Eira, 2\$. Fernando Ramos, 20\$. Abílio Saraiva Cardoso, 20\$. Fernando Rodrigues, 20\$. Manuel Masqueira, 20\$.

## VISITANTES

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA

Foi há vinte e um dias. Quíz contar, mas as lágrimas embargaram! Tantas senhores e tantas senhoras que nos veem trazer suas tragédias, de viva voz ou por escrito, mas sempre com lágrimas!

Alguem que estava ao pé de mim, ilucida, ao vêr aproximar-se um automovel. *São fulanos de tal*—e disse. Outro que não tivesse a pratica das coisas, iria imediatamente. Eu cá não fui. Não vou. Há quinze anos que sou mendigo. Tenho a tarimba, que vale mais do que Coimbra. Ninguém espere nada dos mortais que enriqueceram por extorsões—ninguem! Não dou déreis por essa gentinha. Não é por eles, pessoalmente. Não é. E' mas é pelo mal que eles fazem no mundo!

Em contrapartida, naquela mesma hora e lugar em que os tais senhores se retiram, vem uma visitante direita a mim, que mais parecia vir pedir do que dar. *Tome, por amor dum filho que me morreu.* Mil escudos! O carro dos *fulanos de tal* desaparecia na curva da avenida. Quem no visse passar diria que levava gente,—e ia vazío!

Que dizer de outros visitantes, tantos visitantes, que fazem a regra da qual aparece aqui e ali uma excepção, que dizeis?! Só digo que se o dar empobrecesse, já tinha empobrecido há muito uma familia que vem aqui vezes a miudo e arranja sempre maneira de deixar vestígios da sua passagem,—e que vestígios! E' no meu escritório que Eles entram, à falsa fé... E' um casal. Veem num carro muito modesto. Ora eu digo que quem dá assim para a nossa casa, dá, também, para muito mais casas ou pessoas do mesmo genero. Dá sim senhor, por isso é que há muito deviam estar pobres, se, ralmente, o dar por amor de Deus empobrecesse alguém.

Já temos dois bois. Nós chatiamos o Sr. Padre Américo para nos dar dinheiro para comprar um boi e um carro. O Camilo foi à feira à Louzã comprar um boi com a ajuda de um homem. Veio muito contente porque comprou um como o que cá estava. O que ficou foi muito caro porque custou 6.700\$00. O carro sem rodas, a carga e as correias custaram mais dum conto de reis. Quando cá vier o Sr. Padre Américo temos de dar-lhe outro assalto.

O leiria que é o nosso cozinheiro, andava sempre a pedir ao Sr. Padre Adriano para ir a Fátima que é a terra dêle. O Snr. Padre Adriano deixou-o ir por êle se ter portado bem. Foi acompanhado pelo Filipino do lar de Coimbra. Estavam lá quando o leiria pediu ao Filipino para ir beber água, mas já não foi capaz de ir ter ao mesmo sitio. O Filipino procurou-o mas não o encontrou. Foi dizer a um Padre para dizer ao Senhor Bispo para anunciar no alto-falante onde o Filipino o esperava. O leiria lá foi ter. Muita gente andou à procura dêle. Voltou muito contente. Passados quatro dias lembrou-se de ir dar um passeio. Quíz fugir para Leiria. Ainda foi até Condeixa. Mas quando a fome o começou a apertar voltou para casa. O Snr. Padre Adriano quando cá chegou e soube que o leiria tinha fugido ficou muito arreliado por o ter levado a Fátima como prémio de bom comportamento. Já não é o primeiro dos que vão a casa que vêm de lá com a cabeça avariada.

Os que vão vender o Gaiato já têm levado alguns ponta-pés dos criados nos cafés em Coimbra, mas agora já deixam entrar de boa vontade. Foi o rádio que descobriu o segredo; foi oferecer-lhe os trocos do peditário que o Senhor Padre Américo fez em Coimbra e ficaram todos contentes.

Os que provavelmente fazem exame este ano são: dois da quarta classe e cinco da terceira classe. Os que andam para fazer o exame da quarta classe, estão todo o dia na escola. Há cá rapazes já grandes que ainda andam na primeira e na segunda classe. Mas não admira porque vieram tarde e nem sabiam uma letra.

Quem vai a Coimbra aos recados são sempre os miudos que pagam só meio bilhete. O *Formiga* ficou doido de alegria quando o escolheram para ir lá num dia destes. Nunca tinha ido a Coimbra nem andado de comboio e não se perdeu.

## NOTA DA QUINZENA

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA

irmão de tenra idade, e seria o primeiro a tomar o pêso ao sacco, antes de lho colocar às costas. Isto dentro da lógica mais santa, com aquela simplicidade que o passarinho bebe no regato. Dito deste patrão, dito de todos. Não há enfeites na consciencia cristã. Não há contratos. Não há leis nem há profetas. Há a voz interior da Cruz. Se nós fossemos, na verdade, uma geração cristã, à moda dos de Corinto e de Antioquia e de Roma de então; se fossemos tais quais, digo, certo é que patrões e empregados haviam de levar muito a mal a interferencia do Estado nos seus usos e contratos, pois que cada uma das partes saberia dar contas. De uma vez, numa cidade, ao tempo em que começou a vigorar a legislação do salário mínimo, ouvi da boca de um industrial: *Já se cá fazia mais e melhor, antes de vir a lei.* Muito bem. Como este, alguns mais; —mas não todos. Pois haviam de ser todos. *Ao que colhe muito nada lhe sobeje para que tenha o preciso aquêle que colhe pouco.*

Trocamos esta verdade por outras verdadesinhas. Regeitamos o Sermão da Montanha e eis que aceitamos os decretos do Terreiro do Paço, feitos e aprovados por mortais. Marcar idades. Dizer profissões. Ajustar salários. Nomear juizes Fundar tribunais,—e o mais que lá vem. E no entanto, com todas estas cautelas, passa o pequenino na via publica com uma barra de ferro às costas, a tremer e a gemer! Para que presta a lei, se falta a consciencia!?

# — VIAGENS —

Foi naquele domingo de tarde, tendo deixado atrás de mim um mundo de visitantes, folguedos, sol, abundância, felicidade—a vida da nossa aldeia. Uma vez dentro do *Morris*, prestes a caminhar, grupos de rapazes aproximam-se, a perguntar—*quando vem?* Não se lhes dá tanto em saber para onde vou. O que eles querem é saber quando regresso: *Quando vem?* Daqui nasce a minha pressa em chegar a casa, quando ando por lá. E' a angústia. E' a aflicção. E' um suspirar.

O comboio chegou à Rocio, à hora que vem a dizer no guia dos caminhos de ferro, de sorte que antes da meia noite, já estava no quarto de dormir. Foram-me prevenindo no hotel, à cautela, que de futuro, por via das festas, só com antecedência arranjará ali cómodos. Festas! Um verão de festas! Alguém pediu-me para eu ficar e assistir à inauguração delas. *E' já amanhã. Figue. A tomada do Castelo. Figue.* Não fiquei. Não fico. Não posso ficar. A ideia fixa é parente da loucura. Eu tenho essa ideia. Eu tenho essa loucura!

Agora, o que eu gostei de vêr em Lisboa desta vez, foi uma coisa que há muito ali se não via. Mais fartura. Mais coisas de comer e tudo mais baratinho. Desapareceu dos hotéis o terrível *Ou. Isto ou aquilo*, com que os hotelheiros tapavam a boca à gente. Agora já se vê novamente o *isto e aquilo*. Acabou-se a disjuntiva. Reina a copulativa. Eu quereria que todos tivessem pão e que comessem dele até não querer mais. *Oh festa!* Outras coisas não importam, mas o pão, o pãozinho! Eu morro de alegria quando vejo um dos nossos a rilhar fóra d'horas! Noutro dia, vieram cá seis do Lar do Porto fazer o fim de semana. Saíram da cozinha pró comboio com formidáveis nacos de borra cosida.

—Oh rapazes. Para quê tanta borra?  
—Deixe. Tem vitaminas.  
Tem sim. Comido assim à vontade, amassado e cosido pelo Rio Tinto, governado pelo Russo, Ardina e Miguel, que são os dispenseiros,—o nosso pão tem ralmente vitaminas.

São dez horas da manhã. Fui ao barbeiro. O *Periquito* tinha-me feito ontem a barba em Paço de Sousa, e muito bem, mas já não dava para ir falar às senhoras. E' a capital e está tudo dito. O oficial que me atendeu, perguntou-me se eu conhecia o senhor padre Cruz. Conhecia sim senhor. *Sabe o que ele fez de uma vez?*—torna a perguntar. Não sabia.

—Pois vai saber. Fóra em 1910. O senhor padre Cruz ia pelos Fortes da Serra de Monsanto dar pão cosido aos malvados. Levava uma saqueta às costas e dava pedaços dele.

O barbeiro, tinha isto guardado na alma, a respeito do senhor padre Cruz. Não sabia mais nada. Não conhecia o poder nem a dignidade de um sacerdote. Nem sacramentos, nem altar, nem nada. Tinha-o visto ir naquele tempo dar de comer aos revoltados nas prisões de Monsanto. Levanto-me da cadeira. Enquanto o homem procede às escovadelas do estilo, quer saber a minha opinião, do senhor padre Cruz. Calei-me religiosamente. A verdade não sofre opiniões. O médico vai aos doentes e o sacerdote aos malvados. Aqui está.

Escanhado como estava e a parecer bem, saio da loja e começo o dia. A's onze, estava dentro de uma ampla sala, na Arcada. Muitas carteiras. Começam os senhores a entrar, mais senhoras. Dão-se os bons dias e ficam-se em grupos aqui e além à espera. Há um quarto de tolerância. E' preciso aproveitar bem o tempo...

As meninas, sentam-se em seus lugares, rapam do estôjo e retocam. Cabelo doirado. Faces vermelhas. Nem mandam elas, nem mandamos nós. Não manda ninguém. São os tempos e acabou-se. Um môço que entrou, esse foi direitinho ao seu lugar, despe o casaco que trazia, põe um outro que ali tinha dentro de um armário, e começa imediatamente a trabalhar. Um. Via-se ali um homem a encarar a vida de frente. Poupa as suas coisas. Talvez o fim do mês seja amargo... Não importa. Trabalha. Cumpre até que os outros cumpram.

Eu estava ali encostado a uma coluna. Ninguém fazia caso de mim, de *ocupados*. Estava já a encher-me de nervos, como diz o *Supo* de si mesmo, quando o arreliam cá em casa: *foge que estou c'os nervos*. Estava, sim. Nisto, vem uma senhora lá do fundo e sem nada me perguntar, indica-me um senhor que tinha entrado na ocasião. Fui atendido.

Agora vou pró hotel. E' meio dia. Um senhor, na rua, oferece-me a sua casa e deu-me 100\$00. Aceitei o dinheirinho. A casa, não. Casas tenho eu de sobra. Só aqui na aldeia, são onze delas. E' Miranda! E' Coimbra! E' Porto! Não aceitei a casa. Comi e fiz uma sestassinha, regalado. A's cinco horas, tinha de estar no Gabinete do Ministro das Obras Publicas.

Oh colicas! Não vale a pena alinhar discursos. Já sei por experiencia. E' o que sair na maré.

Fui um nadinha mais cedo, não fôsse Ele chamar antes da hora. Enquanto espero, um senhor, em conversa nos corredores, diz-me que se está a trabalhar, não só para diminuir preços, senão que, também, para aumentar salarios. Oxalá. Esta é a arma. Arma que ganha batalhas sem fazer sangue. Oxalá. A's cinco, sentei-me na sala-de-espera—à espera. Aquelas salas já são feitas para isso mesmo. Esperar. Estavam outros senhores mais importantes do que eu, também à espera. Entrei na minha hora. Falei muito pouquinho. Para quê falar? Que fale a Obra da Rua. Palavras leva-as o vento.

Dali, outra vez hotel. Jantei. Oxalá todos os mortais jantassem! Dizem os jornais d'hoje que na Alemanha ingleza morre se de fome. Li. Tremi. Nações que davam cartas!

Nações que tinham todos os partidos, morrem hoje de fome! Ai quem soubera pintar a guerra a ver se, ao menos, vendo-a pintada, os homens a evitassem!

Oxalá todos jantassem como eu fiz naquela tarde. A' noite, fui dar um giro, avenida acima. Ali na própria sala de visitas da *mui nobre*, os Restauradores, chumas de creanças estendem a mão ós tostões.

—De onde és tu?

—Sou do Casal Ventoso. Não sei onde é o Casal Ventoso. Este pequeno teria alguns seis anos. Não lhe dei o tostão. Dei-lhe duas falas amigas e afastei-me com pena dele. Dele e dos mais. Olhei de longe. O pequenino estava também a olhar-me, e acenou-me com os dedos um adeus muito sentido! Vi as mãos dele no ar, por entre o turbilhão! Parece que também ele, o Desconhecido, ficou com pena de mim!

Lisboeta que te gabas de ser de Lisboa. Lisboeta que pões toda a graça no dizer que a coisa mais linda do Porto, é o rápido a sair pró Rocio. Pois bem. Não venha eu a ter razão de dizer que a coisa mais linda de Lisboa, é o rápido do Porto, se porventura me não ajudas eficazmente na realização da Casa do Gaiato de Lisboa! Trago no meu coração o pequenino dos Restauradores, a dizer-me adeus de longe! Se Lisboa me não coloca na situação de passar por ali àquela hora no *Morris* apanhar do chão aquelas flores e conduzi-las ao nosso viveiro, a Casa Gaiato. Se assim não fizer, digo, rasgue Lisboa os seus pergaminhos!

## Três a um

Foi este o remate do dia 25, no campo da Constituição. Perdemos. Bem andou o Amandio ao recomendar-me que não fizesse eu benzé! O nossos adversários marcaram em todo o sentido. Os gaiatos agradecem.



Os dois Batatas. A' direita, encontra-se o *batata velha*. Era simplesmente o *batata* sem mais nada. Mas eis que um dia chega à nossa aldeia o *Deltim da Reboleira*. Começa a comer, a comer e a engordar. Ficou batata, mas como fazer, se ele já havia na casa um batata? Como fazer? Aqui não há dificuldades. E' o *batata nova* e pronto. Ei-los!

## Do que nós necessitamos

**M**AIS o peditório na igreja de Paranhos, quatro contos menos quê, um dos quais foi oferecido pela Meza da Confraria! Coisa rara! Mais 50\$ dos empregados da Vacuum, do Porto. Mais retirado do *Depósito*, uma pancada de coisas. Sim, senhora de Lisboa, mande o livrinho. Mande tudo. Nós aqui temos necessidade de tudo. A nossa missão é receber e dar. Dar tudo. Esta é, afinal, a missão de qualquer homem que vem ao mundo: Dar. Dar a mão. Dar uma palavra. Dar um ai;—tudo por amor de Deus! Oh vida, que és tão formosa e tão cheia! Mais 20\$ por carta. Mais 24 litros de azeite de Fozcôa. Mais 50\$ de Oliveira de Azemeis Mais 20\$ do anónimo B. Mais 50\$ de Braga. Mais 100\$ de algures. Mais uma caixa de peixe da Povoas.

Eu tenho aqui, prontinho para remeter ao destinatário, um bidon que nos trouxe 100 litros de magnífico azeite. E também tinha sobre a minha meza de trabalho um papel com todas as indicações. Mas o papel andou! O do escritório, um dia, ao fazer a limpeza, limpou tudo pró caixote e agora não estou certo no nome da estação. Cuido que é Vila Franca de Naves, mas não tenho a certeza. Pode o interessado, que é um assinante dos que lê de fio a pavio, pode o interessado, digo, mandar um postal com instruções, para fazer seguir a vazilha quanto antes? Felizes os que não se escandalizam com a nossa ordem. Perdeu-se o tal papel. Partem-se coisas. Desaparecem outras. Abrem-se portas que desejaríamos fechadas. Fecham-se as que desejaríamos abertas. Comem as favas da semente, e as ervilhas e as pevides de abobora. Os escriturários das cintas do jornal, borram os dedos de tinta. Os das capoeira quebram ovos. Onde eles não levam a melhor é no nosso colmeal. Já lá tem ide bulir,—mas não tornam...

Mais de Carrazeda de Montenegro, um presente de alguns pares de sapatos em folha. Mais 400\$ de um voto. Mais no *Espelho da Moda* um mundo de coisas. E mais nada.

P. S.—Mais um senhor a falar ó *espelho pra loja do Periquito*. Mais outro senhor que também falou. O primeiro é que tem vez. E' o Gomes Porto, do Porto.

## MAIS UMA VEZ

Ele já aqui foi dito, mas torna-se a dizer prós esquecidinhos.

E' na véspera de Santo António à noite. Estes bilhetes no *Espelho da Moda*. Se lá fores às meias, compra um camarote. É mais chique. Se gostas de ler aqui o *Isto é a Casa do Gaiato*, que fará ver, no palco? Espera-se que Rocha Brito e seus filhos, depois do espectáculo, bendigam horas e conseiras de haverem construído o Coliseu do Porto!

# Isto é a Casa do Gaiato



A matéria do nosso tribunal de ontem, foi dada por um inocente. Um dos mais pequeninos. *O batata velha*. Não foi arguir; foi lição. O nosso tribunal é, acima de tudo, uma escola, por isso se escolhe a melhor hora para o fazer — à noite. Escolhe-se o melhor lugar — o refeitório. As melhores testemunhas — os de casa. Pois foi o *batata*. Antes de tudo, vamos á história do *batata*. Nem todas as histórias dos nossos rapazes se podem narrar, e indecorosos para a sociedade, mas a deste sim. Ele é o mais pequeno de trez irmãos que cá temos. Tem 6 anos. Moravam sosinhos numa toca, longe do povoado, em uma das ridentes freguesias do concelho de Penafiel, de onde o mais velho saía todos os dias a *manobrar*. O povo queixava-se. O pároco, escreveu a lastimar. *Tenho vergonha de lhe dizer que a minha aldeia, no coração da Diocese é uma Gomorra*. Está tudo dito. Os trez irmãos são, até, filhos do pecado. O pecado é o desequilíbrio moral. Sofrem todos por amor dele. Dito isto, vamos agora á matéria do tribunal: o *batata* vinha da merenda, com uma deliciosa fatia de pão, na hora em que chegavam uns visitantes. Um deles, dirige-se ao pequeno e pede-lhe um bocadinho. *Batata* emudece e aperta a mão. Instado, continua na mesma. Não deu ao visitante um bocadinho do seu pão! Ora aqui está a falta. Por via dela subiu o réu ao tribunal, para dar a todos a lição. Quem até aqui não sabia, fica agora sabendo que o desprendimento é uma virtude conquistada á nossa natureza. Dada a lição, virei-me pró mestre e ralhei com ele: *Então tu, meu batata velha, recebes o pão de graça e não queres dar um bocadinho dele a quem to pediu?* Desanquei o *batata*. Vamos a vêr.

**A**CABAMOS hoje a sementeira do linho. Já temos toalhas e guardanapos e panos de cozinha e blusas e aventais e mais peças de roupa, das passadas sementeiras. Numa aldeia portuguesa, em Portugal, não podia faltar o linho.

**O** Roque. O Roque é um dos felizes habitantes da aldeia, que veio cá ter, de S. Martinho do Porto. Andava por lá, mas não tem nada que o recomende como o verdadeiro garoto da rua. Muito socegado. Muito *anjinho*. As senhoras, colocaram-no na rouparia. As senhoras cá em casa gostam muito dos *anjinhos* e fazem-lhes bibes, mas os outros de tal forma os apupam, que eles deixam-nos ficar! Felizmente, os tais *anjinhos* são muito raros. Ora o Roque, estava ontem a limpar a máquina de costura e um dos roupeiros, que sabia de dinheiro dentro da gaveta da dita, disse-lhe para sair de lá que ele ia limpar, e assim aconteceu. Limpou...! Este roupeiro é o Norberto de Gaia. Finório. Sabido. Tem cadastro cá em casa. No momento em que, juntamente, estava a limpar, olhou para traz e acontece que o Roque estava também, casualmente, a olhar para ele e assim, achou-se descoberto! Que faz ele, o finório? Desata a chorar. Foi prá meza a chorar. Não comeu, de tantas lágrimas. No fim, vem á meza dos senhores, declarar que o Roque o acusara de ele ter roubado dinheiro da gaveta da máquina, mas que era mentira. Que ele não tinha roubado nada. E confirmava com lágrimas e soluços! Eu estava sem nada dizer. Conheço o Roque. Conheço o Norberto. Este, retira-se da mesa dos senhores, entusiasmado com suas lágrimas e seus soluços, e para mais enfase da sua inocência apanha o Roque a geito e dá-lhe uma valente tarefa: *Anda; fostes-me acusar!* O Chefe informou-se de tudo com os rapazes e á noite, informa-me de tudo. Houve tribunal. Comparece Norberto. Comparece Roque. A sala está plena de ouvintes. Não se interroga. Não se apura. Todos sabem de sobejo como as coisas ralmente se passaram. O pequeno cadas-

trado estava ao pé de mim, a escutar. Não se defendia. Não chorava. Lágrimas mentirosas! Soluços mentirosos! Oh mentira das mentiras! Foi este o assunto do tribunal. O réu, estava esmagado. A assistência, estava esmagada. Entre todas aquelas armas de que o homem dispõe para atacar e destruir, é esta a mais pessoal e também a mais perigosa. Oh homem que te gabas; medita e humilha-te! Mas vamos ó nosso tribunal. O Norberto tinha dado uma tarefa no Roque. Ora o Roque devia-lhe, também, uma tarefa. Em casos destes, só o ela por ela. Mas como Roque é muito socegado e não sabia por onde lhe pegar, chamou-se outro, a quem Roque passou procuração. Aqui em casa não há, felizmente, notários. O documento tomou-se por válido e assim também a tarefazinha. Foi um regalo. Norberto chorou, agora, outras lágrimas!

**N**O derradeiro domingo foi o Manuel Durães por aí abaixo até Rio Tinto, saber o que havia de verdade acerca daquele rapaz que nos apareceu na noite de quarta feira da semana santa, o qual também foi, para ilucidar. Dei-lhes dinheiro pró comboio e pra comer, algures; e que se tratassem como irmãos. Chegaram á noite. Manuel Durães relatou; família, condições de vida et coetera et coetera. Não foi, já se vê, aquele relatório em forma, para constar do processo. Isto aqui é obra de rapazes pelos rapazes. Trouxe a cedula pessoal. A mãe não a queria dar. A mãe queria mas era o filho. Mas o pai explicou: *Diz a fulano (a mim) que me guarde lá este moicante, que não há terra nenhuma por onde ele não tenha andado. Foge-me de casa*. Admiro aqui duas coisas. Primeiro, dar um pai o filho a quem não conhece. Dar para que o guarde. Segundo, prender-se com unhas e dentes a uma casa de trabalho, um rapaz que não gosta de trabalhar. Assim o disse seupai: *Arranjei-lhe trabalho numa fábrica a ganhar bem. Mandei-lhe o tacho e mandaram-no outra vez como foi. Tinha fugido*. Pois aqui, trabalha como um negro. Anda no campo. Pra escola, só em Outubro. E' a nossa desordem que faz destes milagres. O rapaz respira felicidade. Instalou-se. Encontrou-se. Temos homem.

**O**S rapazes do Lar do Porto, andam nervosos e enervam-me, sempre que ali vou almoçar ou jantar mais eles. Querem que eu mande rapazes de Paço de Sousa ou de Miranda. — *O meu patrão quer um rapaz. O meu patrão sabe de um emprego para um rapaz. Um emprego muito bom. Um rapaz de 16 anos. Fusilam a gente!* Não querem saber se temos rapazes maduros. Querem rapazes. Muitos rapazes no Lar do Porto. O Amandio, na minha derradeira visita ali, foi, até um bocadinho inconveniente a este respeito. Quería um rapaz de 16 anos para uma loja de ferreiros. Pede. Insta. Gaba o emprego. Lembra nomes: fulano, sicrano. Alguem, do lado, lembra o Rio Tinto. Parecia estar na conta. Tem mais de 16 anos. — *Oh esse não. Esse é parólo!* Ora se o Rio Tinto vem a lêr esta notícia, eu recomendo ó Amandio que tão cedo não vá a Paço de Sousa...

**O** Carlos Inácio estava hoje servindo, como sempre faz, a mesa dos *Senhores*. Retira a terrina do caldo e vai pelo resto. Pelo conduto. Eram favas com rodela de salpicão. Nós aqui usamos o costume de sopa e um prato. Basta. Nada há mais salutar para o corpo e o espirito, do que a sobriedade na mesa. Nada. Pois o Carlos Inácio, põe a travessa e juntamente com ela um prato de barro cheio de alface. Depois do que, sem mais se importar com os *senhores*, tira da algibeira uma caixa de fósforos,

vai ao prato da alface escolher as folhas mais tenras e desata a enfiar nelas para dentro da caixa. Achei abuso. Quiz saber *E' o meu grilo!* Ora na verdade estas coisas não são de tolerar! Fosse noutro sitio, com outra alface, e não haveria mal. Mas ali, na presença dos *senhores* com a alface dos *senhores* e na hora em que estava a servir e devia mas era servir os *senhores!* *E' o meu grilo!* Acho abuso.

A nossa mata, ós domingos, é campo de escarafunchar. Ouve-se longe o ruído quando sai um grilo da toca. Mas o campeão é o pastor. O Zulmiro de Raimonda. E' o rapaz mais popular. O mais querido. A tropa espera-o á tardinha, quando ele chega dos montes com as ovelhas á frente e a boina cheia de grilos. Ontem trazia dezasseis. Trá-los na cabeça, debaixo da boina. Há permutas. Os apaixonados despojam-se de tudo por um grilo! O Arlindo do Porto, há dias, deu nove medalhas. Era um grilo cantador. O pastor sabe. O pastor conhece. *Este é cantador*, — e pede mais por ele! Na cozinha. Nas casas de residência. Nos refeitórios. Na rouparia. Grilos.

Na capela, também. Quando o pastor sai de manhã prós montes, leva encomendas. *Trás-me um cantador!* Quem havia de dizer que o incendiário, o terrór do povo de Raimonda, estava talhado para uma função tão bela!

**O** Periquito veio agora mesmo ter comigo, confiar um segredo. — Não diz nada a ninguém? — Não digo. — Olhe que só o *chegadinho* é que sabe!

— Está bem. Não digo. — Tenho 6 ovos da minha garizé botados numa galinha amarela. E' na casa da lenha. Não diga nada! Deixei ficar o rapaz na doce ilusão do segredo. Um segredo na Casa do Gaiato! Eu já sabia tudo. Não há ninguém aqui em casa que o não saiba, e ele cuida que só o *chegadinho* sabe: Olhe que é só o *chegadinho!* Oxalá estes rapazes, nestas idades, se ocupassem sómente destes segredos e destes negócios!

**Q**UEM cá viesse em um destes domingos, havia de ter visto um dos nossos rapazes, sentado confortavelmente ao pé do Rádio, a escutar. Não sabe a idade que tem, tão pouco a terra aonde nasceu, mas é o mais espigado da aldeia. Terá uns 19 anos? Parece. Pois se alguém cá tivesse vindo naquele dia, digo, teria, possivelmente ouvido a palavra que ele dirigiu, da cadeira aonde se encontrava, a um dos seus companheiros: — *Prisão sem grades!* E' que o rapaz estava, na verdade, castigado. Castigar um rapaz de 19, — ó coisa delicada! Pelo que custa a ele sofrer o castigo. Pelo que custa á gente aplicar o castigo. Eis o melindre. Aqui é aonde está justamente o sangue desta Obra. Nós não podemos consentir que ninguém jámais ponha o pé em ramo verde. Todos os dias, a toda a hora, por varios títulos, temos necessariamente de intervir: *Rapazes, tomai os castigos como se fosse um remédio amargo, aonde está a cura*. E eles assim fazem. Este de quem falo, foi, até, para junto do Rádio espaiar-se; e desabafa para o irmão que por acaso ali passou: — *Prisão sem grades!* São as melhores. Castigos sem pau, são os melhores.

**O**S nossos venderam um rór de bancadas e piões, pró jogo da bola. Todos traziam na algibeira livros deles. O Amadeu Elvas, rapa de um desses livros e aponta! *olhe aqui; cinco tostões pró socorro social. Socorro social somos nós. Dê catanada!* Quem há-de segurar esta gente com tanta fome de catanadas!

**D**ESDE que findou a guerra, os jornalistas veem-se em apuros para encher as colunas dos diários com notícias de sensação. Por isso qualquer escândalo-zinho que apareça é logo explorado que nem filão de volfrâmio em tempo de luta.

Foi o caso daquela meio dúzia de moicantezinhos implicados num roubo de relógios e quejandas. Apontavam-se os nomes e pediam-se providências á justiça.

De jornal na mão, a chorar, vem ter comigo o «tópalo». A' volta dele juntou-se um grupito da mesma viela, a consolá-lo. Tinham-lhe lido a gazeta. «Vem aí a dizer que fui eu que roubei, mas não fui!»

Dei-lhe uma coroa pelo jornal, para que não tivesse mais diante dos olhos o libelo acusatório, e aconselhei-o a evitar as más companhias para não ser implicado nos desvarios alheios.

Conselhosinhos!... Sei a triste figura que faço quando os dou. Para quê pregar a honradez a uma criança que é escorraçada de casa pelo *padrasto*, que dorme no chão envolto em sacos, que veste o fato só uma vez e que está cercada de vespeiros de toleradas e tabernas? Um deles trazia uma caixa de fósforos.

— Ai que tu fumas, mausito!... — Não! é para entrar em casa. A escada é tão escura e podre, que já lá parti a cabeça. Olhe um galó!

Mas se é inútil pregar o Evangelho a estômagos vazios, que crueldade não é chamar pela policia para nos vermos livres desta chaga social. Se vamos pedir justiça — sinónimo de castigo — para as vítimas, que havemos de pedir para os verdadeiros réus?

Réus, sim: saberemos quem eles são no juizo final. Comosinto ao vivo a necessidade daquela hora, quando medito na inercida tragédia destas crianças abandonadas. A sentença há-de basear-se no uso dos bens deste mundo, e muito bem! Tive fome... tive sede... estava nú... no cárcere...

Ele é bem mais fácil chamar pela policia, que concorrer generosamente para as obras sociais que vestem os nus, matam a fome, curam chagas do corpo e da alma e preservam da cadeia.

Amor! muito mais amor por estes pobres filhos da rua escura!

Temos andado aí pelas igrejas a lembrar esta doutrina. As almas bem formadas compreendem-na, vivem-na já.

Tenho visto mães a encher de moedas as mãozitas dos filhinhos, para que eles as despejem no saquito que apresentamos. Há bolsas que se esvaziam totalmente, e... também há unhas pintadas que conseguem descobrir um tostãozinho no fundo duma elegante carteira de mil escudos. Na variedade está a beleza.

Por outras vias registamos mais os seguintes donativos: Uma gabardine «comprada com muitos sacrificios para dar a meu filho no dia dos seus 18 anos». Foi para o Camilo que a guarda ciosamente. 40\$ na Casa do Castelo e 50\$ no mesmo depósito. 5.550\$ dos amáveis subscritores que há dez anos mantêm honradamente a palavra dada.

20\$ deixados em casa. Mais roupas usadas vindas da Louzã, e dois fardos delas, por ocasião dos peditórios de Celas que deixou 750\$00; 25\$ e um embrulho de roupas duma criada com uma carta que se transcreve para edificação dos ricos, conforto dos pobres, e confusão dos sábios:

Meu bom Padre. «Ao ler no grande jornal, o gaiato! a tragédia do Bairro das Latas! correram-me as lágrimas, como correm sempre que o leio, eu não sou rica, pelo contrário, sou uma pobre criada que nada tenho! A minha fortuna é uma filhinha que tenho. Muita vez tenho ouvido dizer que Deus ma deu para meu castigo. Eu não creio assim! Creio que Deus ma deu para minha purificação, para eu me tornar melhor. E' na pobre roupinha dela, roupa que também lhe dão, que eu vou ou fui escolher o que menos falta lhe faz, para vestir de menina essa criança que vestia as calcinhas do irmão. Não posso dizer mais nada, não porque não tenha vontade pois tinha vontade de dizer mais e mais! mas a minha sabedoria é tão fraca! que não chega para ir mais adiante... Para a mesma criança uma boneca e roupinhas de Lisboa, de Zé Ninguém. Do mesmo anónimo amigo uma bonequita para a primeira neta da Obra da Rua. Mais roupinhas no Castelo e 10\$. 1.370\$ nos peditórios da Sé Nova, a acrescentar aos três mil escudos do peditório anterior e 550\$ da Misericórdia.

Os visitantes têm agora aparecido em maior numero. 200\$ duma familia; 50\$ doutra, e mais visitantes que se explicaram muito bem. 20\$ dum sacerdote. Muitas sobras na venda do Gaiato quer na Louzã quer em Coimbra, refeições dos mesmos ardinas, e muitas palavras de simpatia que eles trazem para casa para contar aos companheiros e a quem os serve.